

FACULDADE SÃO JUDAS TADEU

OS OLHARES FILOSÓFICOS ORIENTAIS E OCIDENTAIS SOBRE A
INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL E SUAS POSSÍVEIS CONVERGÊNCIAS

THE EASTERN AND WESTERN PHILOSOPHICAL VIEWS ON SPIRITUAL
INTELLIGENCE AND THEIR POSSIBLE CONVERGENCES

Autora: Marilane Pereira Leite Ferreira

Artigo elaborado como pré-requisito para a conclusão do programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Formação Holística de Base na Abordagem Transdisciplinar, na Faculdade São Judas Tadeu, sob a orientação de Camila Aloisio Alves.

Rio de Janeiro, Outubro de 2014.

RESUMO

O presente artigo tem como propósito analisar as interfaces temáticas sobre inteligência espiritual nas abordagens filosóficas oriental e ocidental e estabelecer um diálogo entre as mesmas levantando possibilidades de convergência de pensamento. Para tanto foram analisados textos das duas filosofias, e procurou-se focar principalmente os trabalhos de Francesc Torralba, representativos da filosofia ocidental, e na visão de ensinamentos e mestres budistas, representativos da visão oriental, devido a vastidão filosófica relacionada.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência espiritual, oriente, ocidente, diálogo, convergência.

ABSTRACT

The present article intends to analyze the themed interfaces on spiritual intelligence in eastern and western philosophical approaches, looking to establish a dialogue between them, and to raise the possibility of a thought convergence. For this purpose, texts from both philosophies were analyzed, with the main focus on the works of Francesc Torralba, representing western philosophy, and the teachings of Buddhist masters, representing eastern thinking, due to the vast philosophy related to it.

KEY WORDS: Spiritual Intelligence, East, West, dialogue, convergence.

INTRODUÇÃO

O crescente interesse por temas espirituais num mundo adoecido em sua espiritualidade foi o impulso primeiro para a realização deste estudo. Pensar os olhares orientais e ocidentais em direção a uma terceira inteligência, a inteligência espiritual, foi um tanto inspirador. Ao expandir o pensamento criando um

distanciamento não julgador sobre as formas particulares de tratar este tema pelas filosofias orientais e ocidentais foi possível lançar a semente de possíveis pontos de convergência.

O conceito de Inteligência Espiritual vem sendo aprofundado muito recentemente nas ciências e nas filosofias ocidentais, porém numa outra linguagem a filosofia oriental desenvolve esta temática há milhares de anos. Considerando a filosofia em seu conceito mais amplo o grande desafio foi reunir informações suficientes nos campos das duas filosofias, daí a necessidade de restringir a algumas abordagens. É possível detectar alguma percepção desta expressão da inteligência em toda história do pensamento humano. Principalmente no campo das filosofias orientais as possibilidades são em número por demais extenso. Este é um tímido olhar em busca de elementos congruentes quanto a uma inteligência da alma, ou como sintetiza a psiquiatra da universidade de Londres Dana Zohar (2001, p.23) *“A inteligência com a qual nos curamos e com a qual nos tornamos seres verdadeiramente íntegros.”*

A inteligência espiritual em sua abrangência e abertura para as possibilidades humanas é como uma manifestação de sentido e valor na vida de todos nós. Estudar este tema traz à luz do entendimento um caminho para pensarmos sua importância para o desenvolvimento humano e analisarmos através de trabalhos filosóficos sua expressividade no pensamento humano. Nesse sentido, o presente artigo teve como objetivo analisar textos filosóficos das abordagens orientais e ocidentais e estabelecer um diálogo entre as duas abordagens destacando possíveis convergências e divergências, semelhanças e diferenças.

METODOLOGIA

Para o atingimento dos objetivos deste estudo adotou-se uma metodologia baseada na análise temática. Numa primeira etapa realizou-se pesquisa referente ao assunto em diversos textos com alguma referência aos temas Espiritualidade e Inteligência Espiritual, tanto em abordagens filosóficas de autores ocidentais quanto orientais. A partir daí se fez necessário um recorte diante da imensa gama de referências bibliográficas.

Quanto as linhas ocidentais de desenvolvimento do tema, o trabalho de Francesc Torralba (2010) sobre Inteligência Espiritual foi colocado em destaque, considerando fatores como objetividade e clareza. Além deste, a filosofia ocidental foi também abordada com menor aprofundamento por meio do texto de Dana Zohar (2001). A filosofia oriental foi estudada nos textos de mestres budistas contemporâneos como Dalai Lama (2006), Lama Surya Das (2011) e Thich Nhât Hanh (1993). A partir da leitura das duas filosofias acerca do tema foi possível analisar e interpretar convergências desenvolvendo para tal, três tópicos reflexivos. O primeiro levantando a questão do conceito de inteligência espiritual, o segundo desenvolvendo a possibilidade de uma convergência entre as filosofias oriental e ocidental na definição desta inteligência, e o terceiro abordando as diferentes filosofias quanto ao cultivo de uma inteligência espiritual.

DISCUSSÃO E REFLEXÕES

1- Inteligência Espiritual, do que se trata?

A inteligência espiritual é nossa inteligência moral, que nos dá a capacidade inata de distinguir o certo do errado. A inteligência com a qual exercitamos a bondade, a verdade, a beleza e a compaixão em nossa vida. Se preferir, é a

inteligência da alma, desde que você pense em alma como a capacidade que os seres humanos têm de canalizar coisas extraídas das mais profundas e ricas dimensões da imaginação e do espírito para dentro da nossa vida diária, famílias, organizações e instituições. (Zohar e Marshall, 2004,p.16)

O dicionário Oxford (Simpson e Weiner, 1989) conceitua espiritual como algo imaterial, intelectual ou moral que compõe o homem. O conceito de Espiritualidade integra questões como o propósito da vida, significado da vida, indo ao encontro com as tão visitadas perguntas da filosofia de todos os tempos “de onde vim?” “ qual o sentido da vida?” “ para onde vou?” Este tema de crescente interesse e investigação no mundo atual, rompe os muros do espaço religioso e ganha atenções no campo das ciências, assim como vem sendo revisitado e de certa forma reinventado no campo das filosofias.

Mesmo a Organização Mundial da Saúde (OMS) não passa indiferente a este assunto, pois mergulhou numa visão multidimensional de saúde e considera a importância do bem estar espiritual, incluindo este fator como complementar a saúde global do indivíduo. Após a Assembleia Mundial de Saúde em 1983 houve uma abertura e inclusão de um olhar além da materialidade, e em 1993 a saúde passou a ser considerada pela Organização Mundial de Saúde “*um estado dinâmico de completo bem-estar físico, mental, espiritual e social e não meramente ausência de doença*”, reconhecendo a espiritualidade como fator que promove equilíbrio (WHO/MAS/MHP/98.2)

O teólogo Leonardo Boff (2008, p. 216) afirma que “*espiritualidade é experimentar a vida de acordo com o espírito, de maneira integral vivendo o externo através da relação com os outros, a natureza e a sociedade e vivendo o interno num mergulho profundo no eu. A vivência do todo, do ser integral*”.

Uma Inteligência Espiritual aponta para irmos além do pensamento que estanca a vida dentro de paredes puramente materiais.

O doutor em filosofia da Universidade de Barcelona Francesc Torralba e a pesquisadora graduada em filosofia e física com extensões na área da psicologia e psiquiatria da Universidade de Londres Dana Zohar escreveram livros com o mesmo título: Inteligência Espiritual. Diferentemente de Francesc Torralba, Dana Zohar (2001) busca em seu livro, escrito conjuntamente com o filósofo e psicólogo Ian Marshall, um diálogo constante com tradições filosóficas e religiosas do oriente. Assim como em seu livro avança além das fronteiras da filosofia discorrendo sobre estudos de uma fisiologia, uma localidade desta inteligência no cérebro. Ambos abordam a questão da inteligência espiritual como algo fundamental e necessário e indicam caminhos para o desenvolvimento da mesma.

A Inteligência humana é um conceito de inúmeras facetas e abordagens e apesar de profundamente estudada destaca-se como um tema recente no âmbito das ciências e filosofias. No início do século XX era vista e pesquisada sob o prisma intelectual unicamente, esforços no âmbito da psicologia tornaram-na mensurável e os testes de QI – quociente intelectual aos poucos se popularizaram. Com o trabalho de Daniel Goleman (1995), na década de 90, uma inteligência emocional seria acrescida no universo das capacidades humanas e com Gardner (1995) emergem as inteligências múltiplas, dando lugar a uma valorização e reconhecimento da multiplicidade das expressões da inteligência do homem. Não tardaria, no fim do século XX, para surgir novos rumos de compreensão e investigação científica na área da inteligência (Torralba, 2010,p.35). A inteligência espiritual surge então como tema de filósofos e cientistas abrindo espaço para questões como: O quociente

intelectual e o quociente emocional são suficientes para entendermos a incomensurável complexidade da inteligência humana?

Quando nos debruçamos um pouco mais sobre as filosofias e suas leituras a respeito parece que a resposta é o próprio surgimento de uma investigação mais definida sobre a existência de uma inteligência de cunho espiritual. A Inteligência Espiritual, Existencial ou Transcendente como destaca o filósofo espanhol Francesc Torralba (2010) no prólogo de seu livro sobre este tema, abraçaria aspectos ainda não ressaltados, propondo no despertar filosófico, uma análise profunda e valorativa da vida. Em concordância Zohar (2001, p.72) destaca ser esta inteligência a que *“que extrai sentido, contextualiza e transforma”*. Enquanto a ciência se retorce na resistência às suas características pouco objetivas e ainda de inviável mensuração a filosofia abre caminho para estudar e colocar em questão a importância desta inteligência para a integridade humana, pois traz à tona as questões fundamentais da filosofia secular e respalda a capacidade humana de produzir significado à vida, nossos porquês, nosso escolher e nosso permanecer.

Destaca-se que, sem as influências de cunho religioso, a filosofia ocidental traz à luz o conceito de espiritualidade considerando sua universalidade e não segundo a particularidade muitas vezes enfocada nas religiões. Compreender as incomensuráveis possibilidades humanas sob o filtro de uma visão inteligente espiritualmente implica em distanciamento, rompermos a epiderme de nossos desejos e sensações, pensamentos e emoções, e ir além.

2 - Diferentes linguagens para um único conceito – é possível um encontro?

As filosofias orientais não se utilizam do termo inteligência espiritual em seus textos. Na tentativa de busca do entendimento de um conceito semelhante temos as

expressões: sabedoria, caminho para a iluminação, mente de iluminação – *Bobhichitta*, que indicam significados realmente próximos (Cesar Bel, 2004, p.262)

Francesc Torralba (2010) ressalta em vários pontos de seu trabalho o cerne fundamental relativo a este distanciamento. Para ele é esta inteligência que possibilita ao observador em nós fazer, além das sensações, apegos, identificações, sofrimento ou ilusão, uma leitura do sentido da direção que tomamos. Diz Torralba:

Tal distanciamento dá origem ao problema do sentido. Com ele o ser humano se interroga sobre o dado originário de que é, à luz de um “ser mais”, de um “ser melhor”, que se abre a algo além de si mesmo, e com que não se identifica (2010, p. 83).

Nesta linha de pensamento essa busca de sentido, o desejo de uma vida plena, a vontade de sentido, levariam o ser humano a pensar criativamente não apenas num sentido de sua própria vida, mas ir além, no sentido da própria existência. A disseminação das sabedorias espirituais do Oriente e Ocidente nos permite hoje mais que em outros tempos abordar a temática da inteligência espiritual sem estarmos vinculados a visões puramente religiosas. Temos como arriscar pensar num encontro entre ambas, na desconstrução de uma babel que na realidade não existe, sem a afetação de dogmas restritivos, mas sim considerando a riqueza deste impulso do homem em direção a um sentido, um sentido dentro dele mesmo e ao mesmo tempo transcendente.

Com o cuidado de não gerar uma redução empobrecedora da questão, observa-se que na visão de uma filosofia ocidental parece haver um guia mais racional, isto fica ainda mais claro quando diante de toda poesia presente no pensamento oriental percebemos um guia mais intuitivo. E o que seria para a visão oriental o distanciamento e a busca de sentido?

Enquanto na filosofia ocidental esta é uma ação puramente mental no método oriental para tornar a vida cheia de sentido e significado, ou usando da mesma linguagem caminhar na direção da iluminação, há a necessidade do abandono da mente através da prática meditativa que possibilitaria insights espirituais e a consequente ampliação de consciência (Dalai Lama, 1999,p.89,90).

No entanto, distanciar parece para ambas as linhas de pensamento uma maneira de tornar-se observador ativo de seus pensamentos e tudo a sua volta. Já o sentido da vida na visão budista é mais universal, menos uma vivência particular. Uma total negação da essência individual dos fenômenos. O sentido é sempre um sentido interdependente. Nada existe isoladamente. Uma proximidade sugerida entre as diferentes filosofias aqui citadas seria o entendimento de que para a filosofia budista a busca de sentido é a própria investigação da natureza de nossa mente. A filosofia budista possui características essencialmente psicológicas e a atitude de buscar uma razão para estarmos aqui, um propósito na vida se mistura com a ideia de afastar a ignorância que alimenta o sofrimento humano e criar caminhos de compreensão profunda e ampla de uma consciência voltada para todos. Como afirma Dalai Lama:

No processo de desenvolver uma avaliação precisa de quem você realmente é, é preciso aquilatar a disparidade entre como você aparece para sua própria mente e como você de fato existe. O mesmo se aplica às outras pessoas e a todos os outros fenômenos do mundo. (1999, p.34)

Para Torralba (2010) a busca de sentido compõe um dos poderes da Inteligência Espiritual. Esta inteligência nos habilitaria de inúmeras formas, muitas são as manifestações de sua potência transformadora. Uma delas, segundo este autor, seria o perguntar último, ou seja nossa capacidade de formular perguntas fundamentais da existência; assim também como a capacidade de distanciar-se, já

citada neste estudo; a autotranscendência, o exercício do ir além, abrir-se para amplos aspectos da realidade, ousar romper os limites; o assombro, perplexidade e surpresa com o que é o mundo e o que somos nós; o autoconhecimento onde converge uma inteligência intrapessoal, que se aprofunda em si mesma, algo ressaltado como caminho para a verdadeira sabedoria por muitos mestres que passaram pela terra.

Autoconhecimento e autotranscendência são exaustivamente destacados como aspectos fundamentais do ser que busca o crescimento espiritual na abordagem budista. Como coloca Bel Cesar (2004, p. 53): “*A mente iluminada é capaz de reconhecer a essência secreta e invisível de toda a matéria, isto é, está livre da percepção da realidade obstruída pelas marcas mentais*”. Ou seja, vai além, transcende.

A filosofia Budista e sua vertente prática para aprimorar a mente está principalmente voltada para as causas da dor e do prazer e sobre como tudo está de alguma maneira interligado. Assim, começamos desenvolvendo a capacidade de observação de nossos comportamentos, sentimentos e pensamentos e aos poucos vamos aprofundando entendendo porque agimos, sentimos e pensamos assim, num verdadeiro trabalho de autoconhecimento. Sem esta etapa torna-se inviável a autotranscendência e a iluminação (Dalai-Lama, 2008).

A inteligência espiritual, conforme Torralba (2010), teria ainda atributos como o gozo estético, uma sensibilidade refinada diante do belo, uma disposição intuitiva para o que é belo em todas as nuances da realidade; o sentido do mistério, abertura e comoção pelo que não podemos explicar ou entender diretamente; a busca por uma sabedoria, uma inteligência espiritual abre portas para as tradições espirituais, a filosofia perene, algo na direção das grandes questões da existência e

assim coloca o homem numa constante inclinação para o saber transcendental, o saber cósmico. Segundo Torralba (2010, p.83):

“Em virtude da inteligência espiritual tomamos consciência de que nosso ser não se esgota na natureza, de que temos um eu com vida própria, chamado a dirigi-la e a ser tratado como um fim em si mesmo e nunca como objeto”.

A faculdade de avaliar é um poder desta inteligência. Significa olhar para si e para o mundo criticamente permitindo a emergência de um posicionamento ético. O budismo em concordância, na direção de um caminho para o desenvolvimento de uma inteligência espiritual ou na linguagem budista, que leve o ser humano à iluminação, considera de fundamental importância uma meditação que seja analítica. Segundo Dalai Lama (1999, p.81):

Você não consegue mudar sua mente sem meditar. Existem dois tipos de meditação: a analítica e a direcionada. A verdadeira arma contra a negatividade é a analítica. Pela análise, pode-se desenvolver uma nova convicção ou consciência.

Vale destacar que no budismo a análise percorre em particular as verdades estabelecidas por seus fundamentos como a impermanência e o vazio. Assim também a busca por uma sabedoria nesta filosofia está menos aberta para as infinitas reflexões, volta-se sempre para os ensinamentos budistas.

Torralba destaca também como um poder da inteligência espiritual o sentido de pertença ao todo:

A inteligência espiritual gera a consciência cósmica ou relacional, que consiste em sentir-se parte de uma unidade com todos os demais, com todos os seres, humanos e não humanos. Permite tomar consciência da fraternidade de tudo o que existe (2010, p. 132).

Esta capacidade da inteligência comunga com fundamentos budista que consideram tudo interligado. O monge budista Thich Nhat Hann (2000) numa

explicação bastante poética usa o termo “interser” para explicar muito simplesmente o que Torralba chama de fraternidade de tudo que existe.

Se você for poeta, verá claramente que há uma nuvem flutuando nesta folha de papel. Sem a nuvem, não haverá chuva; sem chuva, as árvores não podem crescer e, sem árvores, não podemos fazer papel. A nuvem é essencial para que o papel exista. Se ela não estiver aqui, a folha de papel também não pode estar aqui. Logo, nós podemos dizer que a nuvem e o papel intersão. “Interser” é uma palavra que não está no dicionário ainda, mas se combinarmos o prefixo “inter” com o verbo “ser”, teremos este novo verbo “interser”. (Hanh, 2000, p.14)

Muito próximo deste conceito está o de superação da dualidade. Conforme define Torralba, (2010, p.138), esta característica “*Consiste em ver o outro como uma realidade que emana de um mesmo princípio, como um ser que forma parte do mesmo Todo, como um irmão na existência.*” Esta experiência da profunda unidade de todas as coisas seria a experiência mística reconhecida por todas as tradições espirituais inclusive pela tradição budista. Porta para o despertar da compaixão tão necessária a uma consciência iluminada. Conforme afirma Lama Surya Das, (2011, p.30):

Cada um de nós é uma célula no grande corpo da vida, se uma célula estiver doente pode envenenar o todo; mas se estiver saudável, pode fazer com que a célula que lhe é próxima fique saudável. Nesse sentido cada pequeno coisa que fazemos importa.

De alguma maneira todos esses poderes afirmados pela análise de Torralba contém pontos em comum com as filosofias orientais. Nota-se porém que apesar da referida filosofia ocidental ressaltar aspectos como solidariedade e a consciência da unidade que somos, a filosofia oriental aqui representada pelo budismo ressalta de forma muito marcante o valor de uma espiritualidade transformadora através do

altruísmo, da compreensão, do imperativo da bondade amorosa e da ação responsável pelo bem de todos para a iluminação e a plenitude do que chamamos aqui de inteligência espiritual. Como ressalta Lama Surya Das (2011, p.290): *“Para que a espiritualidade seja transformadora, temos que estar envolvidos, temos que assumir nossa responsabilidade em relação a nós mesmos, ao planeta e à vida”*

3 - É possível desenvolver, cultivar, uma inteligência espiritual?

Em ambas as abordagens analisadas, oriental e ocidental, encontramos pontos semelhantes quando se trata do cultivo da inteligência espiritual. Apesar de existirem diferentes maneiras e caminhos específicos para exercer esse cultivo segundo as abordagens orientais e ocidentais, ambas contêm muitos aspectos semelhantes. Tanto na filosofia ocidental como na oriental existem passos específicos para este cultivo. Na busca de pontos em comum e entendimento destes caminhos vamos relacioná-los separadamente, analisando em pares algumas práticas assinaladas por Torralba (2010) e observando possíveis semelhanças com as práticas ensinadas pelos mestres budistas.

3.1- A prática assídua da solidão e o gosto pelo silêncio

Torralba (2010, p. 166) destaca como “especialmente relevante” o estar afastado e solitário para ativar esta inteligência. Na solidão, um exame de si mesmo, de sua bagagem e do que se passa em seu interior. Na agitação do convívio, no estar com pessoas isto seria inviável e não daria chances para um aprofundamento na observação de si mesmo. Não é menos importante para os orientais esta prática. Como afirma Dalai Lama (1999, p.35):

“Uma investigação cuidadosa das experiências e acontecimentos humanos passados e da prática diária da pessoa é imperativa para a realização da mudança e da melhora. Nós, seres humanos, somos parecidos com nossos desejos. Por isso o treinamento da mente é importante.

Neste sentido torna-se essencial de acordo com ambas as filosofias, esta análise de si. Assim, também a vivência íntima do silêncio faz parte de uma prática em direção ao espiritual nas duas visões. Isto fica ainda mais na própria colocação de Torralba (2010, p.171):

O silêncio, nas grandes tradições espirituais e, especialmente, monásticas da humanidade, desempenha um papel decisivo para a prática da oração, da meditação, do encontro com Deus e com o mundo. Em todas elas salvaguardando-se as diferenças de carisma e de tradição de cada uma, exige-se um clima de silêncio, porque se reconhece que ele é fundamental para o desenvolvimento da vida espiritual.

3.2- A contemplação e a prática da meditação

Contemplação e meditação são práticas fundamentais para o budismo. A meditação é prática imprescindível para o atingimento de uma espiritualidade na filosofia oriental. Na tradição budista, por exemplo, existe uma base fundamental chamada as Quatro Verdades Nobres, descritas no primeiro sermão de Buda (Yün, 2011). Estas verdades formam um terreno firme para iniciarmos uma jornada de transformação interior. A primeira Verdade Nobre é: **toda vida inclui sofrimento**. A existência é cíclica e períodos difíceis se alternam com calmarias e alegrias. No entanto, quando o sofrimento bate à nossa porta é como se fosse algo inadmissível, absurdo e incompreensível, como se não fizesse parte da vida. Aceitar a dor como um estágio, um momento, é flexibilizar reações, compreender a verdade da vida e de fato amar a vida como um todo e não apenas quando ela flui de acordo com o que desejamos.

A segunda Verdade Nobre afirma **que todo sofrimento tem uma causa**. Nada ocorre por acaso. Existe uma necessidade em cada obstáculo à felicidade que clama por uma abertura e compreensão madura dos

acontecimentos. Propõe que nos reconheçamos como co-criadores dos fatos e assim revela que só é possível paz exterior se houver paz interior.

A terceira Verdade Nobre diz que **todo sofrimento tem um fim**. Nada é definitivo, na natureza e na vida tudo é transformação. Portanto no passado não posso agir, no futuro tão pouco e o que vivo hoje certamente irá mudar.

Finalmente, a quarta Verdade Nobre é um convite e uma declaração de amor e possibilidade. Ela diz: **Existe um caminho para o fim do sofrimento**. Para o crescimento espiritual e o exercício deste caminho ensinam a senda óctupla que inclui a meditação como prática da atenção plena correta e da concentração correta. (Yün, 2011)

Dalai Lama (2008) fala de dois tipos de meditação, a meditação analítica que reflete sobre as grandes questões, ou verdades da compreensão budista e a meditação concentradora que mantém o foco e concentração para o treinamento da mente. Para esta visão, uma mente dispersa não é capaz de possibilitar o desenvolvimento espiritual. Dalai Lama (2006, p.79) ressalta que: “Em todas as áreas do desenvolvimento espiritual, não importa qual seja seu nível, você precisa tanto de análise quanto de foco para alcançar os estados que busca.”

Segundo Torralba (2010, p. 198), em relação à meditação, “o propósito é exercitar o domínio do pensar, adquirir um modo de pensar perfeitamente claro e concentrado, evitando a associação mental involuntária e o caudaloso rio das emoções e dos pensamentos”.

Estas colocações indicam que as duas filosofias consideram esta prática um meio indubitável de desenvolvimento de uma inteligência espiritual.

3.3- O exercício do filosofar

Filosofar na visão ocidental e meditar analiticamente na visão oriental possuem grandes semelhanças. Para Torralba (2010) o exercício de uma atividade filosófica vai além de um conhecimento intelectual quando falamos de inteligência espiritual. É um mecanismo pelo qual atingimos nossa totalidade e plenitude. Da mesma forma na filosofia budista este filosofar pode encontrado através da expressão “meditação analítica” ou “meditação de insight” (Dalai Lama, 2006, p.79,80). Uma maneira de entrar em contato com verdades fundamentais, ir além, vivenciar insights e se transformar numa direção espiritual.

3.4- O exercício da solidariedade

Uma prática muito reforçada na filosofia budista para caminharmos em direção a um verdadeiro desenvolvimento espiritual é a prática da compaixão. Conforme Dalai Lama (Goleman,1997, p.271): “A compaixão e o altruísmo são qualidades que precisam ser necessariamente extraídas dos recursos interiores da pessoa.” Para este grande mestre o afeto entre os seres e a solidariedade que surge da compaixão é a base da natureza humana e portanto deve ser desenvolvida na direção de uma espiritualidade ativa. (Goleman,1997).

Torralba (2010, p.202) em sintonia com este pensamento afirma: “A solidariedade transcende o reduto do privado, o âmbito do individualismo e faz tomar consciência de que o eu é uma realidade relacional.” Neste ponto o conceito fundamental do budismo relacionado a interdependência se funde em perfeita harmonia com esta colocação de Torralba pois enfatiza o afastamento da ignorância através da compreensão de que somos seres interdependentes e portanto nunca separados uns dos outros. Segundo Dalai Lama (1999, p. 51):

A verdadeira compaixão não tem a ver apenas com simpatia ou com intimidade. Mas também com um senso de

responsabilidade. Ela é gerada quando nos damos conta de que as pessoas que sofrem ou não são felizes ou prósperas, querem a felicidade tanto quanto nós. Compaixão significa desenvolver uma preocupação genuína com elas.

Em essência solidariedade e compaixão andam juntas e ambas virtudes, são praticas afirmadas pelas filosofias do oriente e do ocidente de maneira marcante para que o indivíduo esteja de fato crescendo espiritualmente, abrindo espaço para o desenvolvimento da inteligência espiritual.

CONCLUSÃO

Quem é inteligente? Os sábios fazem esta pergunta e respondem: “Aquele que aprende de todo ser humano.” A sabedoria não é um saber, mas a habilidade de aprender. (Bonder, 2001, p.17)

No zen-budismo há um ditado que diz: “Antes de obter a iluminação, eu cortava madeira e tirava água do poço. Após a iluminação, eu cortava madeira e tirava água do poço.” Isso não quer dizer que a iluminação não traz progresso e transformação, mas, sim, que a transformação real consiste em nos trazer de volta ao lugar de onde começamos, apenas com a diferença de que, nesse momento, nós o vivemos profundamente vivos e conscientes. (Zohar,2001, p. 283)

De onde viemos? Qual o sentido de nossa existência? Para onde vamos? Nem a inteligência intelectual, nem mesmo a inteligência emocional, relaciona-se com estas questões fundamentais, encarando-as de frente e dando às mesmas o espaço de transformação que a inteligência espiritual é capaz de dar.

O mundo caminha numa velocidade de informação e tecnologia que sequer conseguimos acompanhar em sua totalidade. Temos a informação instantânea, a conexão imediata ligando lugares distantes desta aldeia global e, no entanto, tememos encurtar a distância entre mente, coração e espírito. Exploramos

excessivamente e cegamente a natureza que nos alimenta, adoecendo as águas, exterminando espécies, desmatando o verde e pouco visitamos a essência dentro de cada um, capaz de se responsabilizar, curar a si e facilitar a cura do todo. Aprofundamos em conhecimento, viajamos fundo no funcionamento de nosso corpo e desconhecemos como voltar para casa e acender as luzes da trilha da paz dentro e fora de nós.

O estudo e cultivo de uma inteligência espiritual é um convite à reflexão profunda do que está em jogo e do que somos capazes de transformar. Oriente e ocidente na expressão de suas filosofias acerca desta inteligência, parecem sugerir, cada um à sua maneira, o olhar para dentro, a criação de um observador consciente em cada um de nós e, a partir de então, uma busca efetiva da própria transformação na direção de um **sentido**.

Não um sentido individualista, puramente material, mental ou emocional, mas um sentido dotado de reconhecimento dos valores que importam a todos. Isto seria então um caminho de evolução, ampliação de consciência e sem dúvida de construção de um mundo desperto, atento e comprometido.

Quando lançamos o olhar integrador sobre as diferentes abordagens, entendendo oriente e ocidente como partes dinâmicas de um todo indivisível em realidade, damos a chance a nós mesmos, e aqueles a nossa volta, de termos uma percepção com infinitas ampliações e possibilidades. No que se refere a inteligência espiritual, parece que o próprio tema em questão clama por uma análise que ofereça compreensão dos pontos de ligação, bases de uma humanidade que tem o espiritual como condição inerente.

As representações aqui selecionadas das filosofias oriental e ocidental deixam ver que existe um foco na filosofia oriental em relação a uma espiritualidade voltada

para o compromisso com o semelhante e a disseminação dos conhecimentos espirituais. Na filosofia ocidental está em relevo a busca pessoal por experimentar intimamente valores e compreensão profunda. Mesmo com diferentes explicações filosóficas, oriente e ocidente apontam para a importância de uma inteligência que considere a espiritualidade, assim, rompem suas delimitações no espaço em que se manifestam; no tempo, atravessando séculos; e na cultura, convergindo para o que vêm como essencial. Encontram-se no que poderíamos chamar de **Humanidade** e resgatam o valor de nos reconhecermos como fontes inesgotáveis de compaixão, paz e iluminação. Realizando assim em cada um o lugar sagrado de todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONDER, Nilton. **Fronteiras da Inteligência**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.
- CESAR, Bel. **O Livro das Emoções**. São Paulo: Gaia, 2004.
- DALAI- LAMA. **Amor, Verdade, Felicidade**. Rio de Janeiro: Nova Era, 1999.
- DALAI- LAMA. **Como Saber Quem é Você**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- GOLEMAN, Daniel. **Org. Emoções que Curam**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: A teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- HANH, N. Thich. **Os cinco Treinamentos para a mente alerta**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- HANH,N.Thich. **O Coração da Compreensão**. Porto Alegre: Bodigaya, 2000.
- HENRIQUES, Jr. Lauro. **Palavras de Poder**. São Paulo: Leya, 2011.
- TORRALBA, Francesc. **Inteligência Espiritual**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- World Health Organization. **WHOQOL and spirituality, religiousness and personal beliefs (SRPB) - report on WHO Consultation**. Geneva; 1998.

YÜN, Hsing. **A Essência do Budismo**. 2 ed. Ver. E ampl. – São Paulo: Escrituras, 2011.

ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. **QS inteligência espiritual – o Q que faz a diferença**. Tradução de Ruy Jugmann. Rio de Janeiro: Record, 2000.